



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13858 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO SER SOCIAL QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIAS DE BASE COMUNITÁRIA, IDENTITÁRIA E LUTA DE CLASSES NA AMAZÔNIA

Ellen Rodrigues da Silva Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO SER SOCIAL QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIAS DE BASE COMUNITÁRIA, IDENTITÁRIA E LUTA DE CLASSES NA AMAZÔNIA

Resumo: A presente exposição, de base histórico-dialética e contrária ao processo de individualização do capitalismo, problematiza, a partir de revisão de literatura, a ideia do identitarismo, considerando a centralidade do trabalho e a luta de classes. Por meio de observações de campo e um ensaio de entrevista, decorrente de tese em andamento, apresentamos evidências de como se constroem os processos de formação do ser social quilombola, na Amazônia, considerando experiências de mulheres e homens em territórios quilombolas, vivenciando sua cotidianidade histórica na resistência econômico-cultural ao projeto capitalista de sociedade, em uma possível direção do que estamos a considerar como tecidos da formação da classe trabalhadora ampliada e/ou “alargada em espiral”.

Palavras-chave: Processos de formação. Comunidades quilombolas. Identidade. Luta de classes.

Partimos, no desenvolvimento de tese em andamento, da crítica ao processo de individualização cada vez mais crescente no capitalismo, muito relacionado, conforme Bogo (2010), ao conceito de identidade sobrepondo-se ao conceito de classe social, instituindo-se o identitarismo. Frente ao exposto, o trabalho e luta de classes nos são centrais neste debate, no interior do materialismo histórico-dialético, a partir do que, com procedimentos de revisão de literaturas, observações anotadas em caderno de campo e um ensaio de entrevista realizada

para fins de qualificação ^[1], apresentamos alguns elementos que apontam evidências de como se constroem os processos de formação do ser social quilombola, na Amazônia ^[2].

Assim, temos pensado nas experiências vividas, sentidas, percebidas e modificadas, conforme Thompson (1981), de base comunitária, identitária e lutas de classes para compreender, por exemplo, a afirmação do nosso entrevistado ^[3] de que: “[...] ser quilombola é viver em comunidade, aprender a nossa história e lutar em união” (Ensaio de entrevista, 2022).

Neste sentido, o dizer de Marx e Engels (2009), que a vida produz a consciência e não o contrário, nos conduz à indagação: o que é a vida nesta perspectiva do ser social quilombola? A busca por resposta nos direciona à compreensão de que a noção-conceito de classe trabalhadora precisa ser ampliada, de acordo com Antunes (2005) e Mattos (2019), mas também “alargada em espiral”, com base em Gramsci (1968) e Thompson (1981). Por isso, já não pode ser vista apenas composta por trabalhadoras/es assalariados na forma clássica, mas por uma “[...] gama extraordinária de variações práticas e imaginadas [...]”, segundo Raymond Williams (2011, p.59); portanto, composta de “outras” lutas, “outros” grupos, associações, redes, para além dos chãos das fábricas.

Vale ressaltar que a experiência de classe, conforme Thompson (1987, p. 182) – grifos da autora –, é contrária ao empirismo, por ser o retorno de “[...] *mulheres e homens* como sujeitos, dentro deste termo”. Igualmente, pensar as comunidades de povos/tradicionais quilombolas enquanto experiência é compreender que sua base de formação é permeada de outro termo – a cotidianidade.

Na ótica pensada por Lukács (1966) e Kosik (2002), a cotidianidade é carregada de valores, costumes, cultura, ritmos e regularidades diferenciáveis, segundo grupos, classes sociais a que os indivíduos pertencem e produz a identidade como fundamento ontológico. Por isso, observa-se que a identidade não é algo que remete apenas à individualidade subjetiva, mas na materialidade objetiva-subjetiva.

Daí, faz-se necessário ressaltar que a base identitária desta discussão remete à classe social e “não visa opor ‘classe’ à ‘identidade’, promovendo a escolha entre uma categoria ou outra, nem satanizar a ‘identidade’ e a luta identitária como causa e luta secundarizadas ou desimportantes” (MONTAÑO, 2021, p. 75). Nos opomos ao processo do “identitarismo”, que tem confundido ao desconsiderar a luta de classes, o que concretamente são as lutas identitárias, necessárias enquanto lutas antiopressivas e anticapitalistas.

Esse debate compreende que as experiências de base comunitária, construídas nos Quilombos da Amazônia, apontam processos de formação do ser social desde suas lutas contra ao escravismo até os nossos dias. As experiências reveladas na cotidianidade do nosso entrevistado apontam elementos de processos de formação pelo trabalho, cultura e educação,

que podem conduzir à compreensão do que os faz lutar-resistir ao capitalismo.

Isso ocorre, por exemplo, quando, movidos por estratégias de sobrevivência operadas pelas primeiras negras e negros, que foram trazidos da África para a Amazônia, fogem dos senhores e conseguem se estabelecer na região. Não isolados, adentraram matas, rios, furos, igarapés e produziram “esconderijos”, “atalhos”, “rasgos” floresta adentro, com técnicas de engenharia intrigantes; arquiteturas feitas a barro e madeira, fundamentais nos tempos da perseguição encarniçada; técnicas de agricultura tradicional na relação com a natureza, que mantêm a soberania alimentar dessas comunidades até o presente; defesa pessoal; estratégias de relações de comércio de seus produtos; técnicas de navegação, dentre outras.

Lutas sociais cotidianas emaranhadas com a cultura indígena, a natureza generosa, os mutirões de roça, reconstruídos como identidade, embora modificados, ainda são praticados atualmente, inclusive com outros significados nos movimentos sociais quilombolas, como verificados nos encontros de formação chamados de “Putiruns Quilombolas”. Experiência “dos debaixo”, que, não contada nos livros, está na memória do povo e reproduzida de geração em geração, materializando-se como a própria luta de classes.

Observadas como lutas sociais “antiopressivas”, lutas urgentes, que miram as desigualdades sociais com aspectos “[...] *específicos* (particulares “identidade”)” (MONTAÑO, 2021, p. 288, grifo do autor), precisam ser também compreendidas como “[...] *desigualdade estrutural*” de forma a ser superada e não se “[...] constituir em mecanismo *compensatório*” (idem *ibidem*, grifos do autor), tais como: educação escolar quilombola gratuita e de qualidade; lutas por formação de lideranças, organizações de mulheres quilombolas; lutas pelos processos de cotas nas Universidades, por saúde, segurança, saneamento básico, energia elétrica de baixo custo, sinal de internet gratuita, enfim, lutas para manterem vivos seus territórios de existência.

Na construção desta compreensão, pensar a luta de classes é fundamental. Desta maneira, a investigação em processo nos demonstrou até aqui alguns pontos de partida, que refletem historicamente seres reais, que pensam-fazem e dizem: “[...] por que nós não pode viver bem? [...] trabalhamos, trabalhamos e muitos nem conseguem um pedacinho de terra? [...] Nós vamos sempre servir de escravo? Isso não é porque Deus quer. Isso é ganância, de querer viver melhor do que o outro” (Ensaio de entrevista, 2022). Assim, nossos fios ponto a ponto se tecem em inferências do que podem ser os processos da classe trabalhadora ampliada e/ou “alargada em espiral”, de base identitária, comunitária quilombola.

Contudo, para continuar pensando-fazendo a pesquisa com base em Marx (2011), perguntamos - essa experiência do ser social quilombola no seu fazer-se percebe o inimigo – capitalismo? Elabora ações contra esse sistema? Cria alguma organização? Afinal, neste processo que sugere o “alargar-se” a partir daqueles que parecem não ser meros aliados da classe trabalhadora, como se tece a luta de classes hoje?

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **A caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo. In: _____. **Maquiavel a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LUKÁCS, György. La peculiaridade de lo estético. In: LUKÁCS, G. **Estética I**. Ediciones Grijalbo, Barcelona – México, DF, 1966, pp. 33-81.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução: Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. **18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad.: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MATTOS, M. Badaró. **A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MONTAÑO, Carlos. **Identidade e Classe social: uma análise crítica para a articulação das lutas de classes e antiopressivas**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2021.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. V.1.
- _____. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Trad.: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

[1] Qualificação realizada em 31 de agosto de 2022 – Processo de doutoramento, no Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia – PGEDA/UFPA.

[2] Consideram-se, para fins desta pesquisa, as experiências de três territórios quilombolas do município de Mocajuba, estado do Pará, a saber: São José de Icatu, Tambaí-Açu e Segundo Distrito de Mocajuba (composto de 7 Comunidades – Vizânia, Santo Antonio do Vizeu, São Benedito do Vizeu, Uxizal, Itabatinga, Mangabeira e Porto Grande) e suas Associações Quilombolas.

[3] Entrevista (ensaio) realizada em 09 de junho de 2022; durou aproximadamente duas horas, com um senhor de 78 anos, quilombola da Comunidade Quilombola Mangabeira, Segundo Distrito de Mocajuba/PA.